CINEDEA: vídeos ambientais ecosóficos

Cláudio Tarouco de Azevedo[1]
Alfredo Guillermo Martin[2]

(...) cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas.
Félix Guattari

CINEDEA – afluente das três ecologias...

A proposta do CINEDEA, tal como foi concebida no 3° EDEA, teve como principal objetivo promover um espaço de divulgação e diálogo com os realizadores dos vídeos ambientais produzidos no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Foram apresentados seis vídeos, dos quais cinco foram produzidos na disciplina "As três ecologias de Félix Guattari", como parte dos projetos de microintervenções solicitados na disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini. Para o desenvolvimento dos vídeos, nasceu, em 2008, a convite do Prof. Alfredo, a oficina interventiva *Ação Ambiental e Produção Cultural* e, desde então, anualmente vêm sendo produzidos vídeos ambientais ecosóficos, articulados com as microintervenções desenvolvidas pelos estudantes.

A disciplina está estruturada na obra do filósofo francês Félix Guattari e prevê atividades de discussão, reflexão e produção no âmbito da ecosofia, ou seja, na ecologia mental, social e ambiental. São utilizados dispositivos de leitura e reflexão dos conceitos ecológicos de Guattari, bem como de sensibilização crítica da razão e das emoções para perceber e desatar os nós das relações instituídas em direção da produção do novo. Um novo que proponha uma alteração no estado de estagnação intensamente produzido pelo instituído como, por exemplo, a análise e discussão sobre o filme *1984*[3], baseado no romance de George Orwell, que apresenta uma sociedade totalitária sob a onipresença e o controle social do Grande Irmão, o *Big Brother*.

Como exercício final das atividades da disciplina, os estudantes têm como tarefa produzir microintervenções junto a sua família, ao seu ambiente de trabalho, enfim, em seu cotidiano. Devem apresentar um projeto que descreva a proposta,

---

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEA/FURG, bolsista CAPES. Arte-educador. E-mail: claudiohifi@yahoo.com.br
[2] Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEA/FURG e do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI. E-mail: martingen@ibest.com.br
[3] 1984. Inglaterra, 1984. Direção: Michael Radford. Lume Produções Cinematográficas. Gênero: drama, ficção. 1 DVD/NTSC, color. (113min.)

objetivos e justificativa de sua práxis alicerçada nas discussões ecosóficas realizadas ao longo dos encontros, juntamente com um vídeo ambiental.

Durante os encontros, as análises, as discussões e as reflexões indicam um fluxo consonante com o que Guattari chamou de um novo paradigma, fundamentado sob a "égide ético-estética de uma ecosofia" (1993, p. 23) – o paradigma ético-estético. Um entendimento sobre a vida em seus múltiplos aspectos inter-relacionados, passa pela subjetividade humana, pela vida social e pelo ambiente. Precisamos considerar esses elementos em sua complexidade e nunca de forma dissociada, promovendo uma reinvenção nas atitudes políticas – da ordem micro à macro –, produzindo, assim, ações criativas e renovadoras nas relações estabelecidas entre as três instâncias ecológicas integradas.

Considerando o enfoque ético, Guattari sublinha o compromisso social para além das regras instituídas, ou seja,

> a responsabilidade e o necessário "engajamento" não somente dos operadores "psi", mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda, etc.) (1993, p. 21).

Nesse sentido, ele afirma que "é eticamente insustentável de se abrigar, como tão freqüentemente fazem tais operadores, atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada sobre um controle do inconsciente e um *corpus* científico" (id. ibid.). Pois a neutralidade não está no silêncio, na ausência de imagens ou na suposta imparcialidade da mídia. A cada movimento está implicada uma escolha, seja ela atravessada e determinada por afetos, perceptos ou outras fontes de motivação.

Assim evidencia-se a responsabilidade ética dos humanos para com as relações e o ambiente, pois fazemos escolhas a todo o momento, mesmo que sejam por indução. Essas escolhas potencializam nossa práxis ecológica e como diz Guattari, "cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas" (1993, p. 16). Com isso buscamos a ética da responsabilidade humana, com intervenções que oportunizem e engendrem processos pela promoção da saúde e melhora da qualidade das relações estabelecidas, para além das relações de consumo.

Os processos de Análise Institucional

Entendemos as microintervenções, bem como a oficina interventiva *Ação Ambiental e Produção Cultural* que promove a produção dos vídeos ambientais

ecosóficos, como processos de Análise Institucional[4]. Para compreender essas práticas vamos considerar alguns conceitos como os de campo de análise e de intervenção.

O campo de análise é o perímetro escolhido como objeto para aplicar o aparelho conceitual disponível (podendo este ser constituído de materiais teóricos muito heterogêneos). Destinado a compreender em profundidade o campo de intervenção, quanto mais amplo o campo de análise, mais possibilidades existem de entendimento do campo de intervenção que, por sua vez, se caracteriza como o perímetro que delimitará o espaço dentro do qual se planejarão e executarão estratégias, logísticas, táticas e técnicas, ou seja, constitui-se do planejamento, da escolha dos recursos e dos procedimentos que serão adotados de acordo com as circunstâncias, com propósitos diagnósticos e elaborativos (BAREMBLITT, 2002).

Para Baremblitt, o campo de intervenção configura "um campo de análise, porque se pode entender sem intervir, mas não se pode intervir sem entender, embora durante a intervenção iremos entendendo cada vez mais" (2002, p. 91).

É importante esclarecer que, nas intervenções feitas junto à disciplina "As três ecologias", o nosso campo de intervenção se constitui das oficinas de vídeos ambientais ecosóficos, das discussões sobre a linguagem audiovisual, a ecosofia de Guattari e as conseqüentes produções em vídeo realizadas e os próprios projetos de microintervenções. Assim, o nosso campo de análise envolve o aparato conceitual composto dos seguintes materiais: textos teóricos utilizados para discutir o conjunto de conceitos trabalhados; o diário de pesquisa utilizado por mim – como pesquisador e professor convidado para ministrar as atividades com vídeo –; o encontro para exibição e análise dos vídeos; a revisão bibliográfica e a constante análise de materiais audiovisuais utilizados ao longo das atividades.

Ainda em relação aos campos de análise e de intervenção, cabe salientar que eles são imanentes um ao outro, porém o de intervenção se refere a uma instituição, organização ou grupo específico, nesse caso, corresponde ao grupo de estudantes matriculados na disciplina. Já o campo "de análise possibilita estudar, paralelamente, outros grupos sem intervir, no entanto, aproveitando essas análises para complementar e melhor entender a intervenção realizada" (LAPASSADE, 2005). Isso é importante para visualização do campo, podendo suscitar outras e novas intervenções. Assim, as oficinas se prolongam nas intervenções dos alunos e, por sua vez, cada uma delas produz um efeito ecosófico em cascata.

---

[4] René Lourau. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1993.

No campo de intervenção, a oficina, as reflexões e produções realizadas durante os encontros configuraram um momento de ampliação das possibilidades de exibições das produções audiovisuais, promovendo novas intervenções propostas pelo grupo. Portanto, na mediação entre estes dois campos – de análise e de intervenção –, busca-se que todos os envolvidos na proposta possam compreender melhor as relações entre os conceitos, práticas e ações abordadas.

Cabe dizer ainda, que a oficina funciona como produtora de grupos-sujeito; não temos como objetivos reproduzir o instituído, mas sim criar a partir dos desejos e das necessidades dos instituintes, sendo estes o próprio grupo da oficina. O grupo-sujeito é um conceito de autoria de Guattari e refere-se a um grupo que abre sua transversalidade, que se constitui como uma Utopia Ativa, "capaz de gerar suas próprias leis para realizá-la e de construir a si mesmo durante o processo, tendo sempre presente sua finitude e perspectiva de sua própria morte" (BAREMBLITT, 2002, p. 153). Portanto, um grupo que não esteja alienado, que conheça seu contexto histórico, político e social e desempenhe suas funções autogestionárias.

Para que as pessoas assumam seus lugares na história, superando este estágio de objetos – de alienação –, é preciso que seja desenvolvido o que Freire chama de uma "práxis verdadeira" (1987, p. 91), uma "reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (id., p. 21). Podemos dizer ainda, conforme termo cunhado por Guattari, uma necessária *práxis ecológica*. Dessa forma, a seguir analisaremos a conjuntura da instituição midiática no contexto da práxis desenvolvida pelo grupo-sujeito.

A mídia e a produção de subjetividade

No campo de análise, a oficina se propôs a explorar uma discussão sobre a grande mídia e suas conexões com a produção de subjetividade, o que está conectado diretamente com a ecologia mental. Essa mídia se utiliza de equipamentos que são "conglomerados complexos, montagens de diversas materialidades (mais especificamente de recursos técnicos), prevalentemente a serviço da exploração, dominação e mistificação" (BAREMBLITT, 2002, p. 150).

A partir de seus instrumentos, a mídia ganha intensa penetração social. Lévy afirma que "é ao redor dos equipamentos coletivos da percepção, do pensamento e da comunicação que se organiza em grande parte a vida da cidade no cotidiano e que se agenciam as subjetividades dos grupos" (1993, p. 187).

Corroborando, podemos verificar que essas subjetividades são produzidas através dos

> processos de produção de subjetividade pelos quais as sociedades tendem a reproduzir sujeitos idênticos ou

> similares, segundo os padrões dominantes do grupo ou classe de que se trate e de acordo com os moldes do instituído – organizado – estabelecido (BAREMBLITT, 2002, p. 170).

O professor William Cesar Castilho Pereira diz que "no plano da subjetividade, o homem moderno é conduzido em um processo de despersonalização" (1997, p. 42). Desse modo, nossa intenção com as atividades da oficina é, justamente, propor outro tipo de produção de subjetividade que possibilite aos indivíduos e aos grupos a autogestão, para que possam produzir e criar a partir de seus próprios desejos e necessidades. Trata-se de se debruçar-se sobre dispositivos como a intervenção institucional para ir "no sentido de uma ressingularização individual e/ou coletiva (...)" (GUATTARI, 1993, p. 15). Isso significa buscar novas formas de agir e pensar, diferente da tendência uniformizadora induzida pela produção de subjetividade massificada da mídia, uma produção que tende a traduzir uma sociedade composta de estereótipos, uma sociedade de poucos diferentes e muitos iguais.

Portanto, para gerar esta ressingularização, um dos caminhos possíveis é a autoanálise que poderá produzir outro tipo de subjetividade nos sujeitos. Isso possibilitará aos "coletivos o conhecimento e a enunciação das causas de sua alienação" (BAREMBLITT, 2002, p. 139), pois "torna-se urgente achar antídotos para as uniformizações da mídia" (MENDES, 1997, p. 26)[5].

Assim, o antídoto que descobrimos foram as microintervenções. Estas são eficazes no momento em que propiciam aos sujeitos a experiência de um processo de autoanálise sobre a mídia e a autogestão em relação às suas produções em vídeo. Esses exercícios auxiliam a pensar e dissecar a construção de subjetividade criada pela mídia, trazendo à tona uma maior compreensão sobre as formas de produção de subjetividade.

Com a oficina desencadeamos esses processos autoanalíticos e autogestionários que alavancam o que podemos chamar de *Klinamen* – vocábulo derivado do grego que significa desvio, invenção[6], e que alude à ideia

> democritiana de que la realidad esta constituida por "átomos que caen en el vacio según trayectorias rectas". Cuando uno de ellos se "desvia" y entra en colisión con

[5] Extraído do texto de apresentação da mesa-redonda intitulada "A ecologia da mente – produção de subjetividade humana", ministrada pela psicóloga Eliana Rodrigues Pereira Mendes, e que consta no livro: *A cidade vivente*: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea. Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituo Félix Guattari, 1997.

[6] Disponível em: http://fgbbh.org.br/glossario.htm Acesso em: 25 jul. 2011. Site da Fundação Gregório Baremblitt – Instituto Félix Guattari.

> otro, en un mínimo de tiempo pensable, se crea una nueva unidad, inexistente hasta el momento, que constituye una "invención". A ése "desvío" se le denomina klinamen (BAREMBLITT, 2000, [s. p.]).

As microintervenções, logo, possibilitam essas invenções, esses desvios. Podemos considerar os próprios espaços criados com a oficina como provocadores dessas colisões. Os vídeos produzidos a partir da oficina possuem, em sua gênese, características potencialmente capazes de produzir novos *klinamens*, seja através de novas análises, considerando eventuais exibições – o que ocorreu durante o CINEDEA – ou, ainda, como motivadores de novas produções criativas.

Começamos a cogitar uma alternativa através dos *klinamens*, desencadeando um movimento capaz de produzir novas subjetividades nos grupos-sujeito, um tipo de subjetividade oposta àquela imposta pelo instituído; uma subjetividade produtora de reinvenções, criativa, geradora de coisas novas que subvertam os estados de estagnação. E mais, construímos o espaço da oficina como um pequeno nicho no qual se desenvolvem essas transformações no pensamento dos sujeitos, em suas próprias subjetividades. Já os vídeos produzidos suscitam, por sua vez, novos *klinamens* nos espectadores.

No momento em que discutimos tais questões sobre a mídia, vamos criando um entendimento relacionado com nossa *práxis ecológica*, no sentido de que relacionamos reflexões, vivências e experiências do próprio grupo a um processo de descongestionamento das percepções em relação à mídia.

Analisaremos, a seguir, o CINEDEA como um dos campos de intervenção, fazendo uma breve análise das produções que foram exibidas na primeira edição.

CINEDEA – um espaço de intervenção...

Voltamos ao paradigma ético-estético para invocar o enfoque estético, pois os vídeos são resultados dos processos criativos que envolvem as propostas e os projetos de microintervenções, passando pela construção de uma narrativa audiovisual elaborada sob a perspectiva ecosófica. Esses processos de criação do novo são desenvolvidos a partir da integração entre o campo da Educação Ambiental e o campo das Artes, mais especificamente, do audiovisual. A arte está implicada, nesse momento, com o despertar estético latente em cada pessoa. Assim engendramos um campo de intervenção ético-estético para provocar tantos *klinamens* quantos forem possíveis nos múltiplos devires.

É importante atentar mais uma vez para a influência que sofremos com a expansão exponencial das mídias. Pensar sob a perspectiva da ecologia mental é fundamental, pois "ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática" (GUATTARI, 1993, p. 16). Iremos colocando nossas atividades ao

longo da oficina como um desses antídotos, refletindo e discutindo criticamente, com o grupo-sujeito, os efeitos dessas mídias em nossas relações por elas mediadas. O mesmo ocorreu durante o CINEDEA com a exibição das produções de narrativas experimentais e com abordagem de temas inusitados, pouco trabalhados pela grande mídia.

Segue uma breve análise de alguns vídeos ambientais ecosóficos produzidos até agora nas oficinas; são eles materiais interventivos utilizados para produção de *klinamens* durante o 3° EDEA. Os cinco primeiros foram produzidos para a disciplina "As três ecologias de Félix Guattari" e o último vídeo analisado foi produzido como experimentação para minha pesquisa de doutorado, em andamento. Todos se encontram no link "Vídeos ambientais", no site do PPGEA[7].

1. Teatralidade humana: experimentações no campo da Educação Ambiental – um vídeo de Augusto Luis Medeiros Amaral

O vídeo experimental realizado pelo doutorando Augusto Amaral nos lança em um cenário de interferências sonoras e visuais. O trabalho compõe o processo de pesquisa em andamento e as imagens são resultantes das experimentações realizadas na atividade desenvolvida no Templo das Águas[8], em julho de 2010. A pesquisa tem em uma de suas vertentes as discussões sobre o corpo e as maneiras que estabelecermos relações com o ambiente. Os corpos em suas metamorfoses sugerem novos devires, assim como as demais espécies enunciam um devir-animal. A ecologia ambiental está atravessada pela mental e a possibilidade de novas relações sociais com os ambientes que habitamos.

Figura 1 – *frame do vídeo Teatralidade humana: experimentações no campo da Educação Ambiental*, 2010

[7] Disponível em: http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=category&id=56&Itemid=90&lang=pt Acesso 27 jun. 2011.

[8] Localizado na colônia Maciel, região colonial da cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul.

2. **Problematizando os espaços de convivência – um vídeo de Krischna Duarte, Lila Karpinski e Maristela Dutra.**

Na linha do documentário experimental, com o trabalho em questão as mestrandas promovem reflexões sobre a poluição sonora e sobre a ecologia ambiental que está além da poluição perceptível pela visão. A narrativa entrecortada por quadros com fundo preto e texto sobre as três ecologias coloca o espectador na costura da proposta de refletir as cognições cotidianas e a produção de subjetividades que podem brotar a partir das nossas percepções, banalizadas ou não.

Figura 2 – ***frame do vídeo Problematizando os espaços de convivência,*** **2010**

3. **Bisfenol – um vídeo de Clêncio Braz da Silva Filho**

O mestrando Clêncio Braz escolheu o Bisfenol como tema de pesquisa interventiva. O Bisfenol-A é um policarbonato (plástico) produzido a partir do petróleo e está presente em diversos utensílios como: potes plásticos, mamadeiras, etc. A substância pode provocar diversos malefícios a nossa saúde e está relacionada ao rizoma da vida, conectado diretamente às três ecologias e ao estilo de vida energética pautada na produção e processamento de petróleo. Assim, a narrativa se propõe a observar o composto e suas implicações ecológicas com nosso dia-a-dia. Algumas relações que perpassam o cotidiano mais próximo, como o de tomar um café em copo plástico, até a extração de combustíveis fósseis e seus impactos ambientais, estão diretamente conectadas aos riscos do bisfenol. A cultura do consumo coloca em xeque, não só o meio ambiente, como a saúde de cada um de nós e do Planeta.

Figura 3 – *frame do vídeo Bisfenol*, 2010

4. Abrindo a caixa de Pandora – um vídeo de Lidiane Fonseca Dutra

Em intervenção realizada no laboratório fotográfico do curso de Artes da FURG, a então mestranda, Lidiane Dutra promoveu uma dinâmica experimental estética com a técnica fotográfica do *pinhole*[9]. O caráter documental e poético do vídeo nos conduz a perceber um pouco do universo mágico científico de um laboratório fotográfico e suas relações com a "caixa preta" de nossa ecologia mental. A produção do novo e o processo criativo da arte desencadeiam uma produção estética que perpassa a lata (câmera fotográfica artesanal de *pinhole*) e promove a experiência de vivenciar o ambiente escuro e avermelhado de um laboratório fotográfico.

Figura 4 – *frame do vídeo Abrindo a caixa de Pandora*, 2010

[9] O termo *pinhole* deriva do inglês e significa buraco de alfinete. A técnica fotográfica artesanal consiste em capturar uma imagem e material fotossensível através de um recipiente através de um orifício feito com alfinete.

5. Os territórios das infâncias e as infâncias nos territórios – um vídeo de Belissa Saadi Vieira

A mestranda responsável pela produção elaborou um vídeo etnográfico que nos aproxima do universo do recreio, das relações sociais estabelecidas entre as crianças do CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente). Com intensas conexões entre essas relações e a ecologia social, o vídeo instiga o espectador a perceber os deslocamentos dos corpos em suas investidas por experimentar os espaços recreativos, não menos socializantes. Os corpos que se comunicam, experimentam-se e deslocam-se, promovem devaneios interativos atravessados pelas forças da infância e pelo vigor de uma ecologia do devir-criança em um espaço político, de socialização e de experiências de vida.

Figura 5 – ***frame do vídeo Os territórios das infâncias e as infâncias nos territórios,*** **2010**

6. Devir-animal – um vídeo de Cláudio Tarouco de Azevedo

No cenário ecológico do Sítio Talismã[10] surge um olhar subjetivo, de uma câmera subjetiva que mergulha no devir-animal, no devir-pássaro aprisionado em uma gaiola. O estar no lugar do outro, de outro corpo, promove a alteridade de uma vivência em busca de experimentar novos devires, de se deixar atravessar por sensações e sentimentos de opressão como citaram alguns espectadores após a mostra. Mas que, no entanto, podem libertar os devires-animais latentes dentro de nós e com isso nos fazer perceber mais de perto a violência com o outro...

[10] Situado no distrito de Povo Novo, na cidade do Rio Grande. Com uma proposta agroecológica são desenvolvidos no Sítio: cursos, oficinas e outras atividades relacionadas à Educação Ambiental, saúde, alimentação, espiritualidade e abordagens sobre o cultivo da terra e a relação humana com este fazer, além de possuir sua própria produção de alimentos ecológicos como patês e pães. Para saber mais informações sobre as atividades e as propostas desenvolvidas no Sítio: http://sitiotalisma.wordpress.com/about/

Figura 6 – *frame do vídeo Devir-animal*, 2010

Junto com esses vídeos disponíveis no site do Programa, os leitores poderão passar a espectadores de outros trabalhos produzidos por discentes do PPGEA. Outros vídeos já foram exibidos em ocasiões como a 1ª Semana do Meio Ambiente do PPGEA, ocorrida em 2009. Para atender a demanda de produções audiovisuais em EA foi consolidado o LAPEA, Laboratório Audiovisual de Pesquisa em Educação Ambiental. Atualmente contamos com duas câmeras de vídeo, tripé, microfones e uma ilha de edição que dão suporte técnico às produções desenvolvidas no Programa.

Enfim, conceituamos os vídeos como materiais audiovisuais ambientais, passíveis de "veicular novos conhecimentos e diversas formas de conhecer e discutir a natureza, gerando a necessidade de estudarmos uma nova ecologia, a ecologia das mídias sobre educação ambiental" (TRAJBER; COSTA, 2001, p. 15). Essa ecologia audiovisual aqui, se compõe pelo vídeo e este em si mesmo não congela um devir, não nos faz perder o devir; ao contrário, faz viver a emoção de produzir o novo através de imagens e sons e coloca em xeque as próprias imagens e sons a cada vez que são novamente assistidos. O vídeo pode ser propulsor de novos devires e de desvios a partir da experiência de quem produz e de quem assiste.

No documentário *Corumbiara*[11] de Vincent Carelli[12], temos um exemplo desse tipo de experiência. No começo do filme Carelli narra uma das primeiras

[11] Sinopse: Em 1985, o indigenista Marcelo Santos, denuncia um massacre de índios na Gleba Corumbiara (RO), e Vincent Carelli filma o que resta das evidências. Bárbaro demais, o caso passa por fantasia, e cai no esquecimento. Marcelo e sua equipe levam anos para encontrar os sobreviventes. Duas décadas depois, "Corumbiara" revela essa busca e a versão dos índios... CORUMBIARA. Brasil, 2009. Direção: Vincent Carelli. Vídeo nas Aldeias. Gênero: documentário. 1 DVD/NTSC, color. (117 min.)

experiências do Projeto *Vídeo nas Aldeias*[13], realizada em 1986. Segundo ele, na época, a proposta "consistia em filmar os índios e mostrar imediatamente". Foi então que, de repente, os índios "furaram o lábio de trinta jovens, uma cerimônia que eles tinham abandonado há vinte anos". Um desvio proporcionado pela análise e produção das imagens.

Corroborando essa ideia, Guattari se refere em relação aos avanços tecnológicos que possibilitam, dentre outras coisas, a elaboração de materiais audiovisuais, como sendo aspectos que permitem pensar em uma requalificação da Ecologia Mental para uma "*ecologia maquínica* já que, tanto do lado do cosmos quanto das práxis humanas, a questão é sempre a das máquinas" (1993, p. 52-53).

Nunca esqueçamos que somos nós, humanos, neste cosmos, que operamos estas máquinas, sendo elas socialmente construídas e apropriadas por nós, podendo "trabalhar tanto para o melhor como para o pior" (GUATTARI, 1992, p. 15). Portanto, podemos focar no uso dessas máquinas para discutir, refletir e produzir um tipo de subjetividade ambiental que produza transformações para o melhor e que abra caminhos para a solução do que se apresenta como pior. Essas transformações são os próprios *klinamens*.

Os elos dos vídeos com a EA estão no conteúdo produzido sob a perspectiva ecosófica, sendo esta carregada de uma proposta igualmente ambiental já exposta anteriormente. Com os vídeos temos, então, um resultado das "lentes" subjetivas ambientais que capturaram diferentes realidades, produzindo novos significados sobre o contexto local das microintervenções desenvolvidas. Como analisamos anteriormente, esses significados são capazes de produzir *klinamens* através das subjetividades características dos sujeitos locais, fugindo dos padrões massificados muito recorrentes na mídia contemporânea globalizada.

Referências

BAREMBLITT, Gregório. *Apostila do curso de formação em esquizodrama* (esquizoanálise). Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2000.

---

[12] Vincent Carelli, com 40 anos de indigenismo, iniciou em 1987 o Vídeo nas Aldeias, um projeto que coloca o vídeo a serviço dos projetos políticos e culturais dos índios. Vincent Carelli produziu então uma série de 16 documentários sobre os métodos e resultados deste trabalho. Disponível em: http://www.videonasaldeias.org.br/2009/realizadores.php?c=53 Acesso em: 27 jul. 2011.

[13] Criado em 1987, Vídeo nas Aldeias (VNA) é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha. Disponível em: http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php Acesso em: 27 jul. 2011.

_____. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes*: teoria e prática. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.
GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1993.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
LAPASSADE, Georges. *As microssociologias*. Brasília: Liber Livro, 2005.
LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
LOURAU, René. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1993.
MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. A ecologia da mente – produção de subjetividade humana. In: *A cidade vivente*: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea. Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituo Félix Guattari, 1997.
TRAJBER, Rachel; COSTA, Larissa Barbosa da (orgs). *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil*: materiais audiovisuais. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis. Instituto Ecoar para a cidadania, 2001.

Sites

Disponível em: http://fgbbh.org.br/glossario.htm Acesso em: 25 jul. 2011. Site da Fundação Gregório Baremblitt – Instituto Félix Guattari.
Disponível em: http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=category&id=56&Itemid=90&lang=pt Acesso 27 jun. 2011.
Disponível em: http://sitiotalisma.wordpress.com/about/ Acesso em: 25 jul. 2011.
Disponível em: http://www.videonasaldeias.org.br/2009/realizadores.php?c=53 Acesso em: 27 jul. 2011.
Disponível em: http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php Acesso em: 27 jul. 2011.

Filmes e documentários em DVD:

1984. Inglaterra, 1984. Direção: Michael Radford. Lume Produções Cinematográficas. Gênero: drama, ficção. 1 DVD/NTSC, color. (113 min.).
CORUMBIARA. Brasil, 2009. Direção: Vincent Carelli. Vídeo nas Aldeias. Gênero: documentário. 1 DVD/NTSC, color. (117 min.).